



## FILOSOFIA E ALIMENTAÇÃO: ALGUMAS PERSPECTIVAS

Rejane Margarete Schaefer Kalsing

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

[rejane.kalsing@ufrgs.br](mailto:rejane.kalsing@ufrgs.br)

**RESUMO** – O presente artigo é parte do resultado de um projeto de pesquisa intitulado Filosofia da Alimentação: a alimentação saudável enquanto princípio moral universal e direito humano universal, e objetiva, em primeiro lugar, apresentar brevemente como o tema alimentação foi percebido pela filosofia ocidental, ao longo dos tempos, e, num segundo momento, pretende mostrar a importância e a pertinência do tema para a filosofia. Nesse sentido, está estruturado da seguinte forma: começa com uma introdução à temática da alimentação e do alimento, comida, depois, apresenta um breve panorama do tema alimentação na história da filosofia ocidental, das origens até à atualidade. No decorrer de todo o artigo, pretende-se mostrar a pertinência do assunto para a filosofia. Encerra-se com algumas considerações a respeito. As ideias finais apontam para um possível horizonte de estudo da temática alimentação para o campo da filosofia e da sua pertinência para essa área, em especial, quando se fala a partir de um país que voltou ao mapa da fome mundial - discussão da qual a filosofia, portanto, não pode se furtar.

Palavras-chave: Alimento; Produção e distribuição de alimentos; Consumo de alimentos; Escolhas alimentares; Fome.

## PHILOSOPHY AND FOOD: SOME PERSPECTIVES

**ABSTRACT** – This article is part of the result of a research project entitled Philosophy of Food: healthy eating as a universal moral principle and universal human right, and aims, firstly, to briefly present how the food theme was perceived by Western philosophy throughout the ages and, secondly, to show the importance and relevance of the subject to philosophy. In this sense, it is structured as follows: it begins with an introduction to the food and nutrition topic, then presents a brief overview of the food theme in the history of Western philosophy, from its origins to the present. Throughout the article, the aim is to show the relevance of the subject to philosophy. It ends with some considerations on the matter. The final ideas point to a possible horizon for studying the food theme in the field of philosophy and its relevance to this area, especially when talking about a country that has returned to the world hunger map - a discussion that philosophy, therefore, cannot avoid.

Keywords Food; Food Production and Distribution; Food Consumption; Food Choices; Hunger.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte do resultado de um projeto de pesquisa de natureza bibliográfica, conceitual, intitulado Filosofia da Alimentação: a alimentação saudável enquanto princípio moral e direito humano universais. Tal projeto de pesquisa teve, como ponto de partida, a investigação da possibilidade de tecer um fio condutor entre esse direito fundamental, ou seja, o direito humano à alimentação adequada (DHAA), e uma possível origem filosófica do mesmo, a partir do princípio da dignidade humana, com base nas doutrinas filosóficas de Immanuel Kant e de Giovanni Pico Della Mirandola, por exemplo.

Nesse sentido, o presente texto objetiva, em primeiro lugar, apresentar brevemente como o tema alimentação foi percebido pela filosofia, ao longo dos tempos, e, num segundo momento,

pretende mostrar a importância e a pertinência do tema para a filosofia. Ele está estruturado da seguinte forma: introdução à temática alimentação/alimento/comida, continua com um rápido percurso pela história da filosofia ocidental, das origens até à atualidade e, no decurso de todo o artigo, pretende-se mostrar a pertinência do assunto para a filosofia e, por fim, encerra-se com algumas considerações a respeito.

As considerações finais apontam para um possível horizonte de estudo da temática alimentação para o campo da filosofia e da sua pertinência para essa área, em especial, quando se fala a partir de um país que voltou ao ‘mapa da fome’ mundial - discussão da qual a filosofia portanto, não pode se furtar.

## O TEMA ALIMENTAÇÃO NA REFLEXÃO FILOSÓFICA

Não há como iniciar uma reflexão filosófica sobre alimentação sem referir o tom de escanteio com que a filosofia historicamente tratou o tópico alimentação/alimento/comida. Este, de um modo geral, sempre foi relegado a um espaço marginal. A filosofia tomou-o muitas vezes como um assunto, um tema trivial, outras vezes cômico, em tons de humor, numa palavra, não interessante (BORGHINI, PIRAS, 2020, p. III).

Como asseveram Allhoff e Monroe (2012, p. 18.),

historicamente, discussões filosóficas sobre comida têm sido subordinadas a percepções adquiridas dentro de outros assuntos filosóficos. Às vezes, falar sobre comida serve como uma metáfora “nutritiva” para outras empreitadas, como a aquisição de conhecimento. Em outros momentos, conceitos gastronômicos (como “paladar”, por exemplo) foram adotados para especificar certas classes de juízos de valor, mais notavelmente em estética e filosofia da arte. Alternadamente, encontramos conversas filosóficas sobre o quê e como comemos embutidas em argumentos com a intenção de elucidar pontos mais profundos, mas apenas levemente relacionados à comida em si.

No entanto, pode-se perguntar se alimentação não é ou não pode ser “[...] objeto de reflexão filosófica por si só (Allhoff e Monroe, loc. cit. Grifo nosso.)? Não “[...] somos seres reflexivos” (Ibid., p.18-19.)? E, sendo assim, entre tantas reflexões que podemos – e devemos fazer, “[...] temos que pensar sobre quais consequências nossas dietas podem trazer para outras pessoas, animais ou o mundo de forma geral” (Ibid., p. 19.). Pois, querendo ou não, tendo uma maior ou menor consciência disso, a alimentação nos coloca em uma ampla rede de relacionamentos, “[...] com as plantas e os animais, o solo, os fazendeiros e trabalhadores rurais e as corporações, e também com a comunidade, a tradição e as gerações futuras” (Ibid., p. 24-25.), entre outras! A forma como nos alimentamos diz muito sobre nós... Dito de outra forma, nossas dietas alimentares, ou nossa forma de nos alimentarmos, que são escolhas alimentares que fazemos todos os dias ou reforçam o agronegócio, brasileiro ou estrangeiro, grandes indústrias e grandes corporações multinacionais, transnacionais ou fortalecem a agricultura familiar, a agricultura agroecológica, os camponeses, a economia local, o desenvolvimento local e regional, por exemplo.

Nessa esteira ainda, pode-se perguntar em que medida nossas escolhas alimentares refletem nossas éticas, nossos modos de agir? Indo adiante, o que é uma alimentação natural? Ou quando um alimento pode ser chamado de natural (BORGHINI, PIRAS, op. cit., p. III.)? Mais ainda, “o que deveríamos comer? [Alimentos] Orgânicos? Produtos ‘caipiras’? Produtos locais? Vegetarianos? Não transgênicos?” (ALLHOFF, MONROE, op. cit., p. 24.). Segundo esses autores, as respostas que dermos a essas perguntas revelarão “[...] nossos comprometermos éticos; quaisquer que sejam as respostas, sempre poderemos nos perguntar o porquê delas, e tal

procedimento obviamente estaria implorando por algum tipo de invocação moral” (ALLHOFF, MONROE, loc. cit. Grifo nosso.).

Essas são apenas algumas das questões e/ou problemas que o tema alimentação suscita e pode suscitar para a filosofia. É uma pequena amostra, alguns poucos exemplos de uma quantidade surpreendente de questões filosóficas que podem ser e tem sido levantadas (BORGHINI, PIRAS, op. cit., p. III).

O tema alimentação pode suscitar uma série de questões filosóficas, as quais não se restringem, não se circunscrevem à área da ética ou filosofia moral, por exemplo, conforme os exemplos citados acima. A ética é o campo da filosofia em que há uma extensa literatura filosófica; abrange uma amplitude de temas voltados à ética aplicada, especialmente, em áreas como bioética, o que se denomina de ética da alimentação, ética ambiental, ética ambiental e agrícola, ética animal, direitos animais, filosofia da (bio)tecnologia – em especial, a engenharia genética de alimentos (HELDKE, 2006, p. 210.), entre outras.

Em função de sua amplitude, esse tema é multidisciplinar, interdisciplinar e, como tal, interliga diversas áreas, diversos campos do conhecimento científico, além da filosofia. E, assim, temas como fome e distribuição de alimentos, fome e ajuda alimentar, marketing de alimentos, entre tantos outros, podem ser estudados tanto pela ética da alimentação como pela filosofia social e política, quanto pela ciência.

Temas como política públicas relativas à alimentação, por exemplo, podem ser estudados pela filosofia política, de uma forma mais específica. Numa abordagem mais ampla, porém, essa área da filosofia pode estudar e discutir o papel do Estado em relação à alimentação, numa palavra, o dever do Estado na promoção do direito humano à alimentação e, desse modo, se conectar com a filosofia do direito, para pensar o Estado e as legislações relativas à alimentação e ambas refletirem sobre o papel do Estado na incentivo à produção de alimentos em um país, mais especificamente sobre seus sistemas (alimentares) de produção, conectando-os com a ética ou filosofia moral, só para citar alguns exemplos de questões e de possibilidades de abordagens filosóficas das mesmas. Já o campo da filosofia da natureza pode se conectar com a filosofia ambiental e com o que está se denominando de filosofia da agricultura, nos Estados Unidos.

Não pode ser esquecido também o campo da estética e filosofia da arte, o qual aborda questões filosóficas sobre alimentação a partir do perspectiva da sensibilidade, ou seja, a partir da percepção da comida pelos sentidos – “[...] a percepção do alimento [...] [e] a questão do paladar” (PERULLO, 2013, p. 09.), entre outras, abrangendo categorias como o belo, o agradável, envolvendo também questões a respeito da defesa da tese da comida – ou um prato em especial, como (uma) obra de arte, entre outras possibilidades, perspectivas e reflexões...

Como se procurou mostrar, numa espécie de preâmbulo, há muitas questões que o tema alimentação pode suscitar para a filosofia e todas essas questões interligam – ou podem interligar, as diversas áreas filosóficas que esse tema abrange. É um assunto amplo e que, por ser recentemente abordado pela filosofia, talvez ainda não possua propriamente o estatuto de tema filosófico, cuja discussão a respeito pode ser tema de um futuro artigo.

O tópico a seguir fará um breve panorama sobre como, desde o que se considera o início da filosofia ocidental, o tema alimentação foi apresentado – ou tangenciado.

## **A FILOSOFIA OCIDENTAL E O TEMA ALIMENTAÇÃO**

### **Sócrates e Platão**

A filósofa e pesquisadora estadunidense Lisa Heldke assevera que os “[...] vovôs da filosofia, Sócrates e Platão sabiam com certeza que alimento era algo filosoficamente relevante” (2006, op. cit., p. 202.). Basta ver, entende ela, a grande quantidade de referências à comida no diálogo (mais conhecido de Platão) *A república* (HELDKE, loc. cit.).

No entanto, Nicola Perullo, filósofo italiano, aluno de Jacques Derrida, chamará a atenção, diferentemente, para outros diálogos platônicos, como Fedro, Górgias e Fédon, por exemplo. Nestes Platão condenava os prazeres culinários (PERULLO, op. cit., p. 27.) porque são prazeres físicos, sensuais e “[...] rejeitava a ideia de atribuir o status de ciência e de arte à culinária [...]” (PERULLO, loc. cit.), “[...] posto que satisfaz apenas uma necessidade primária; não tem nada a ver com o conhecimento [...]” (PERULLO, loc. cit. “[...] e também não é uma arte, pois não satisfaz prazeres intelectuais” (PERULLO, loc. cit.). A culinária seria simplesmente uma atividade empírica destinada a seduzir (PERULLO, loc. cit.).

No entender de Perullo, tal compreensão platônica tem a ver com o fato de paladar e olfato terem sido julgados como sentidos inferiores<sup>1</sup> por parte - importante - da tradição filosófica ocidental (PERULLO, loc. cit.), pelo fato de serem sentidos “[...] de contato e interiorização [...]” (PERULLO, loc. cit.) ao contrário da visão e da audição que, por serem sentidos distais, ou seja, sentidos que apreciam, exploram, medem e conhecem a distância, e seriam, por esse motivo, mais objetivos e, por causa disso, foram considerados sentidos nobres (Ibid., p. 28.) e essa “[...] apreciação a distância [é o] que constitui a base do conhecimento objetivo [...]” (PERULLO, loc. cit.). Essa pode ser uma explicação para o tratamento, muitas vezes indiferente, outras vezes de desprezo e/ou deboche, que alimento, alimentação e temas correlatos receberam por parte da tradição filosófica ocidental, em especial, e da história da cultura ocidental de um modo geral, já que a alimentação está intrinsecamente ligada aos sentidos do paladar e do olfato, não esquecendo que guarda ligações também com o sentido da visão. Porém, investigar tal hipótese não é o objetivo deste artigo, teve-se apenas o intuito de trazer uma possível hipótese para tal tratamento.

Após este rápido panorama sobre como Sócrates e Platão podem ter compreendido alimentação e temas congêneres, passemos a outro filósofo, um pouco posterior a eles, o qual parece ter percebido de forma diferente a questão da alimentação e que é Epicuro, conhecido como o filósofo dos jardins.

### **Epicuro, o Filósofo dos Jardins**

Supõe-se que Epicuro tenha nascido em 341 AEC (Antes da Era Comum) e morrido em 270 AEC. Ele “fundou uma escola que se chamava O Jardim, porque a comunidade cultivava o próprio alimento nos arredores da cidade” (SYMONS, M. In: ALLHOFF, MONROE, 2012, p. 34.). A escola ficou conhecida, entre muitas outras coisas, “por suas posturas igualitárias com relação às mulheres e aos escravos participantes” (SYMONS, loc. cit.) - posturas revolucionárias para a época. E, segundo Michael Symons (loc. cit.), “sua tentativa de revolução social, perturbando estruturas predominantes tanto de pensamento quanto de relações humanas, propagou-se amplamente durante o Império Romano” - pois havia numerosos grupos epicuristas e escritores identificados com suas ideias.

Esse movimento teve continuidade e, com isso, “[...] passou a ir de encontro aos princípios das autoridades cristãs, o que fez com que numerosos livros de Epicuro se perdessem” (SYMONS, loc. cit.)<sup>2</sup>. Esse não acesso aos manuscritos se sucedeu também em relação a filósofos posteriores, considerados seus seguidores, como Filodemo, que teve “um texto parcialmente destruído” (Ibid., p. 39.). Neste texto, ele comenta sobre um banquete que Epicuro costumava organizar e que, para tal banquete, Epicuro e seus discípulos, decoravam a casa “[...] com frutas da estação [...]” (SYMONS, loc. cit.), e era celebrado com companheiros

---

<sup>1</sup>Para maiores detalhes a respeito dessa compreensão de paladar e olfato como *sentidos* inferiores por parte da tradição filosófica ocidental ver, entre tantos outros, PERULLO, Nicola. *O gosto como experiência*. Ensaio sobre filosofia e estética do alimento. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013.

<sup>2</sup>Atualmente, “historiadores tentam reconstruir seus esquemas a partir de fragmentos, de comentários clássicos e da obra sobrevivente de seus seguidores, sobretudo a do poeta científico Lucrécio” (SYMONS, Michael, In: ALLHOFF, MONROE, 2012, p. 34.).

distintos, os quais eram convidados a “[...] festejarem a si mesmos” (SYMONS, loc. cit.). Há várias coisas aqui que podem ser destacadas, pois dão uma pequena amostra da importância do tema alimentação para Epicuro e seus discípulos.

Chama atenção primeiramente o fato de o alimento ser fruta, em especial, mas, também e mais especificamente ainda, por serem frutas da estação<sup>3</sup>, ou seja, indica o respeito ao que se denomina de sazonalidade do alimento. Mais que isso, Epicuro e seus discípulos, além de eles mesmos decorarem a casa para o banquete, a decoravam com frutas da estação, mais ainda, convidavam apenas companheiros distintos, os quais eram convidados a festejar a si mesmos. Há vários aspectos que denotam a importância dada a um banquete, a um repasto, a todos os elementos, enfim, que constituem uma refeição, incluindo, óbvia e especialmente, o alimento, em função do cuidado com a preparação, entre outras coisas.

As frutas da estação são alimentos da época e, justamente por isso, de acordo com a ciência, tendem a ter um sabor mais intenso e são ricas em nutrientes<sup>4</sup>, de outra forma, “os alimentos sazonais, são colhidos de acordo com sua época de safra natural, em que a natureza produz a fruta [...], assegurando a qualidade nutricional do alimento, grande concentração de nutrientes [...]”<sup>5</sup>. Se havia ou não, naquela época, fruta que não fosse da estação foge ao escopo deste texto, apenas se quer chamar atenção para o fato deste cuidado, o desvelo, por parte de Epicuro e seus discípulos, com a alimentação e com os preparativos de um repasto.

E essa atenção dada ao alimento não se restringia ou se circunscrevia ao preparo da refeição em si mas iniciava antes disso, pois, em seus jardins, Epicuro e seus discípulos cultivavam seu alimento, vivendo de uma forma simples e “(...) consumindo apenas as hortaliças que eles próprios cultivavam, às quais acrescentavam apenas pão e água, ou ainda queijo em ocasiões especiais” (EPICURO, 2002, p. 10. Carta a Meneceu ou Carta sobre a felicidade.). Em uma analogia, Epicuro declara que o sábio “assim como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve” (Ibid., p. 31.). Ou seja, não é a refeição mais farta e sim aquela com mais sabor, mais apetitosa a que uma pessoa sábia escolhe, assim como a vida que, em se sabendo semear, plantar colhe-se doces frutos, mesmo que ela seja breve, curta. O valor, portanto, seja de uma refeição, seja de uma vida, não está na quantidade – de alimentos ou de anos vividos, respectivamente – mas está na qualidade, pois, no entender de Epicuro, o mais importante é uma “[...] existência rica [...]” (Ibid., p. 43.) e, não, uma existência de riquezas (materiais), de abundância (material).

Para encerrar essa breve explanação sobre a filosofia de Epicuro, traz-se novamente Symons, que diz que “Epicuro pode ter justificado sua filosofia como algo que proporcionava satisfação pessoal, mas isso implicava respostas a questões cruciais da vida” (SYMONS. op. cit., p. 50.), questões estas que, com certeza, implicavam e abrangiam aquelas voltadas à alimentação e tudo o que a envolve. E a busca pelas respostas às questões cruciais da vida, em Epicuro, não se restringia a uma busca intelectual, teórica, especulativa, era uma busca vivida, em que interessava viver essa busca de forma que, ao final, redundasse numa colheita doce e frutífera de um tempo bem vivido, ainda que breve.

---

<sup>3</sup>“Os alimentos sazonais, são colhidos de acordo com sua época de safra natural, em que a natureza produz a fruta sem necessidade de intervenção tecnológica, assegurando a qualidade nutricional do alimento, grande concentração de nutrientes e uso reduzido de agrotóxicos, como pesticidas e conservantes” (<https://nutrijr.ufsc.br/?p=2916> acesso em 19/05/2021). Para maiores informações a respeito das *frutas da estação* no Brasil, seguem sugestões de sítios, dentre muitos outros a respeito: <http://www.fsp.usp.br/sustentarea/2019/04/25/sazonalidade/>, <https://nutrijr.ufsc.br/?p=2916>, <https://akatu.org.br/conheca-as-frutas-de-cada-estacao/>. Acesso em 19/05/2021.

<sup>4</sup> Conforme <http://www.fsp.usp.br/sustentarea/2019/04/25/sazonalidade/>. Acesso em 19/05/2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://nutrijr.ufsc.br/?p=2916>. Acesso em 19/05/2021.

## O FILÓSOFO FÍLON E OS TERAPEUTAS DE ALEXANDRIA

Avançando um pouco sobre as compreensões iniciais da filosofia a respeito do tema alimentação, passaremos a Fílon, filósofo que nasceu entre 30 e 10 AEC, em Alexandria, no Egito e morreu entre 45 e 50 EC.

Ele pertenceu a um grupo intitulado terapeutas, que ficaram conhecidos como os Terapeutas de Alexandria, que tinham esse nome, pois, como declara Fílon,

o próprio nome desses filósofos, os assim chamados Terapeutas, revela o seu projeto, em primeiro lugar, porque a medicina (*iatrikè*) que professam, é superior àquela que vem sendo exercida em nossas cidades – uma medicina que apenas cuida do corpo, enquanto a outra também cuida do psiquismo (*psykas*), atormentado por essas doenças penosas e difíceis de curar que são o apego ao prazer, a desorientação do desejo, a tristeza, as fobias, as invejas, a ignorância, o não conformar-se com o que é e uma infinidade de patologias (*pathon*) e sofrimentos (LELOUP, 1997, p. 35-36.).

Segundo Fílon, o nome desse grupo de filósofos já denota o seu projeto, que é o projeto de cuidar, não apenas do corpo mas também do psiquismo, seus e dos de quem surgisse à sua frente, usando, para tal, a “[...] sabedoria como guia” (Ibid., p. 42.).

E, direcionando seu pensamento ao assunto alimentação, num dos fragmentos que se conservaram desse filósofo, intitulado justamente Os terapeutas, Fílon, ao se referir aos “[...] banquetes que prevalecem por toda a parte hoje em dia [...]” (Ibid., p. 51.) afirma que estes são organizados “[...] visando mais a ostentação do que o prazer da mesa” (Idem, ibidem.) e critica o fato de serem escravos os que servem (Idem, ibidem.) os convivas, pois “[...] possuir servos é contra a natureza: esta, de fato, nos fez livres” (Ibid., p. 58.) e contrapõem os banquetes realizados por esse grupo de filósofos de Alexandria, os terapeutas, pois esses banquetes não eram servidos por escravos, as mulheres também participavam e de forma igualitária, equânime (Ibid., p. 57.) e eram bem simples e modestos, já que não se servia vinho “[...] mas [apenas] água bem límpida, fresca para a maioria e quente para os idosos mais delicados” (Ibid., p. 59.) e “a mesa é isenta de pratos sangrentos, o alimento restringe-se a pão, e o condimento ao sal [...]” (LELOUP, loc. cit.), pois essa era a sua forma de se alimentar, segundo Jean-Yves Leloup, na Introdução da obra organizada para o já citado fragmento Os terapeutas, já que “o alimento dos Terapeutas limitava-se ao estritamente necessário: pão, água e sal” (Ibid., p. 28.).

Não foge à sua crítica os banquetes dos quais Sócrates fez parte - dois em especial, um que se passou na casa de Agaton e outro na casa de Cálias<sup>6</sup> (Ibid., p. 53-54.) por terem sido banquetes realizados ao estilo da época, a saber, por terem sido organizados “[...] ao sabor da magnificência e da indolência romanas, que gregos e bárbaros procuram imitar [...]” (Idem, p. 51.), banquetes por terem “[...] seus prazeres [...]” (Ibid., p. 54.) (do corpo), por terem consagrado o amor como paixão (Ibid., p. 54.) e que, na apreciação de Fílon, “[...] parecem ridículos [...]” (LELOUP, loc. cit.).

A crítica de Fílon aos banquetes predominantes em sua época, dos quais participaram, Sócrates e Platão e que, por este motivo, não passaram ilesos ao seu olhar crítico, deve-se, sem dúvida, ao modo de vida eleito pelos terapeutas, a saber, o de uma vida pautada pela “[...] sobriedade [...]” (Ibid., p. 126.), pela simplicidade, regida pelo equilíbrio (Ibid., p. 127.), pois “[...] a temperança (*egkrateian*) é para eles o fundamento sobre o qual edificam as outras virtudes da alma” (Ibid., p. 46.). E, de acordo com esse modo de vida, “o essencial não é tanto o que se come quanto a maneira de se comer. Consumir ou comungar está à nossa escolha em nossa

<sup>6</sup>Fílon refere-se aqui ao diálogo platônico o *Banquete*, propriamente dito - o qual se passou na casa de Agatón, e a *Górgias*, provavelmente, já que esse diálogo ocorreu durante um banquete na casa de Cálias (conforme SCOLINOV, Samuel. Como ler um diálogo platônico. In: *Hypnos*. Ano 8, nº 11, 2º sem. 2003 – São Paulo / p. 51.).

relação com o mundo e com a matéria” (Ibid., p. 28.), assim, as refeições deveriam prezar pela sobriedade, pela simplicidade para serem congruentes com o modo de vida dos terapeutas.

O tema alimentação para esses filósofos possuía uma certa proeminência e, para Fílon, em especial, no sentido de que ela fazia parte de sua filosofia, de suas considerações filosóficas e que, além disso, a alimentação deveria estar em congruência com o seu modo de vida, não podendo destoar. A escolha por uma vida de sobriedade, de simplicidade, orientada pelo equilíbrio e pela harmonia e fundamentada na temperança - a escolha dos terapeutas - deveria se refletir em seu modo de se alimentar. Ainda mais que, para eles, assim como para Epicuro, a filosofia era, além de um exercício teórico, intelectual, um modo de vida, uma atividade a ser exercida a/em todo o momento e, sendo, portanto, a alimentação, um momento fundamental e indispensável da vida, ela importava, contava, tinha um lugar destacado no rol de suas considerações filosóficas. A reflexão sobre o alimentar-se, e sua respectiva vivência, constituíam um modo de viver filosoficamente para esses filósofos.

### MODERNIDADE: KANT

Passando para a Modernidade, um dos grandes filósofos desse período é Immanuel Kant, o qual não tematizou propriamente o tema alimentação em suas obras, enquanto uma questão propriamente filosófica mas, ao menos, a trouxe em vários momentos.

Em um de seus opúsculos, Início conjectural da história humana, por exemplo, Kant declara que a alimentação, mais propriamente, a escolha pelo alimento, constituiu um dos - que ele denominou - primeiros passos da razão, por entender que essa (procura e) escolha já representou uma atitude racional, mesmo que rudimentar e, assim, significou o engatinhar da racionalidade - os seus primórdios. Algo que chama a atenção aqui - mas que não será desenvolvido, é que, nessa obra, Kant argumenta que a razão se desenvolveu, e de forma gradual, o ser humano não a recebeu pronta, o mesmo se estendendo à liberdade.

Como o próprio nome diz, Kant empreende, nessa obra, através de conjecturas, uma reconstrução do que pode ter sido o início da história humana, afirma que, em termos de alimentação, inicialmente o ser humano foi conduzido totalmente pelo instinto,

mas a *razão* logo começou a se fazer sentir e procurou ampliar seus conhecimentos dos *gêneros alimentares* sobre as barreiras do instinto através da comparação do já experimentado [...] com aquilo que [...] [a] visão apresentava como semelhante ao experimentado (III, 6) (KANT, *MAM*, AA 08: 111. Junho/2009b, p. 158. *Itálicos de Kant*).

Esse primeiro passo da razão, que Kant denominou de “instinto de nutrição” (Ibid., p. 112. KANT, Ibid., p. 159. Grifo nosso.), consistiu na experimentação de diferentes frutos e esta experiência teria estimulado o ser humano à comparação de diferentes gostos de frutos, e isso talvez já pudesse ser denominado de uma “primeira tentativa de uma livre escolha” (Idem, ibidem.) (KALSING, 2011, p. 55.).

E, essa primeira tentativa, segundo Kant, (...) teve ‘êxito’ (KANT, op. cit., p. 159.), porque representou “a tomada de consciência da razão como uma faculdade de poder ultrapassar as barreiras em que todos os animais estão encerrados” (KANT, loc. cit.), tomada de consciência que foi decisiva para o modo de vida do ser humano (KANT, loc. cit.) porque, com isso, “ele descobriu uma faculdade de escolher por si mesmo um modo de vida, diferentemente dos outros animais que se encontram amarrados a um único” (KANT, loc. cit.) (KALSING, op. cit., p. 55-56.).

Essa experiência foi exitosa, de acordo com Kant, porque, com ela, ou através dela, o ser humano se percebeu como um ser que podia fazer escolhas e que, desse modo, poderia ultrapassar as barreiras que aprisionam todos os animais (Ibid., p. 56.).

O ser humano percebeu-se com uma capacidade de ir além dos demais animais. E, por conseguinte, percebeu que poderia escolher por si mesmo um modo de vida ou que poderia escolher o seu próprio modo de vida.

Esse foi, então, um momento importante e decisivo na vida do ser humano, pois significou, o tomar consciência de que a razão é uma faculdade que possibilita ultrapassar barreiras que prendem todos os animais. E, assim, ele se deu conta de que podia também escolher por si mesmo um modo de vida, o modo de vida que queria levar (KANT, loc. cit.).

À parte da discussão se os outros animais se encontram aprisionados a um único modo de vida, já que este não é o objetivo aqui, pretende-se apenas destacar como, em um momento da obra de um dos mais importantes filósofos da Modernidade, o tema alimentação assume um papel de protagonismo, proeminência, de certa forma, já que representa um dos que Kant intitulou, primeiros passos da razão, pois o instinto de nutrição faz parte do que designou de desenvolvimento da razão e da liberdade na espécie humana. Além disso, esse passo, o instinto de nutrição, promoveu a tomada de consciência de que o ser humano poderia escolher por si mesmo um modo de vida, ou seja, poderia escolher o modo de vida que queria levar.

## CONTEMPORANEIDADE: THOREAU

Passando para a contemporaneidade, temos Thoreau, aquele “ensaísta, poeta, filósofo transcendentalista” estadunidense, que “celebrou a ecologia, as emoções e os direitos individuais” e que, “com suas ideias, influenciou personalidades como Ghandi e Martin Luther King (THOREAU, 2012, p. 02.), entre tantos outros, além dos contemporâneos movimentos ambientalista, hippie, simplicidade voluntária, Slow Life, entre tantos outros também, tantas vezes esquecido na filosofia, mas celebrado mundo afora...

Henry David Thoreau nasceu em 12 de julho de 1817 e morreu em 06 de maio de 1862. Era um apologista, por assim dizer, das refeições frugais (Ibid., p. 140.) e, como afirmou o filósofo Ralf Aldo Emerson, em seu discurso fúnebre ao amigo, “Thoreau apreciava e fazia uso da comida mais simples possível” (Ibid., p. 322.). Ou seja, não que Thoreau desprezasse, menosprezasse ou depreciasse o valor do alimento, ao contrário, o tinha em alta conta. Mas é que, para Thoreau, “quem percebe o verdadeiro sabor do alimento, nunca será um glutton; quem não o percebe, não pode deixar de sê-lo” (Ibid., p. 210.).

Depreende-se daí que a comida pode ser simples, este não é o ponto, o ponto é saber apreciá-la, apreender o seu verdadeiro sabor. Um parêntese aqui, se Thoreau estiver correto, ninguém seria glutton e, talvez assim, não haveria um tão grande número de obesos atualmente, já que a obesidade, juntamente com a desnutrição, afetam um terço da população mundial e, aliadas à questão das mudanças climáticas, constituem o que se denominou de sindemia global, ou seja, a compreensão da coexistência de três pandemias.

Assim, de acordo com Thoreau, o problema está no apetite com que se come (Idem, p. 210.), na voracidade com a qual alguém se lança ao alimento pois, tal coisa, denota “a devoção aos sabores sensuais” (THOREAU, loc. cit.), aos prazeres sensuais. Em sua concepção, “temos consciência de um animal dentro de nós, que desperta na proporção em que nossa natureza mais elevada adormece” (Ibid., p. 211.). E, lançando-nos avidamente à comida, acordamos esse animal ao mesmo tempo em que entorpecemos nossa natureza mais elevada.

Thoreau chega a afirmar que “o comilão é um homem em estado larvar; e existem nações inteiras nesta condição, nações sem fantasia nem imaginação, traídas por seus vastos abdomens” (Ibid., p. 207.). É que ele entende



que todo homem que algum dia se empenhou seriamente em preservar ao máximo suas faculdades poéticas ou mais elevadas teve uma especial propensão em se abster de alimentos de origem animal, e de grandes quantidades de qualquer alimento (THOREAU, loc. cit.).

Seriam coisas incompatíveis, alimentar-se com avidez e cultivar suas faculdades poéticas ou mais elevadas, sua fantasia e sua imaginação. Quando um desses aspectos é despertado, o outro é adormecido.

Assim como apreciava e fazia uso da comida mais simples possível, assim também era a sua vida, ou seja, simples. E “ele vivia o dia de hoje” (Ibid., p. 322.), dissera também Emerson. Pois, como declara Thoreau,

a qualquer tempo, a qualquer hora do dia ou da noite, eu ansiava em penetrar na cunha do tempo e também cunhá-lo em meu bordão; colocar-me no cruzamento de duas eternidades, o passado e o futuro, que é exatamente o momento presente; pôr-me ali pleno e pronto (Ibid., p. 29.).

Dedicou-se à arte de bem viver (Ibid., p. 316.), conforme lembra a sua mais famosa citação,

fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tenha vivido. Não queria viver o que não era vida, tão caro é viver [...]. Queria viver profundamente e sugar a vida até a medula, viver com tanto vigor [...] que eliminasse tudo o que não fosse vida [...] (Ibid., p. 95-96.).

## FILOSOFIA E ALIMENTAÇÃO: ATUALIDADE

Aportando agora no século XX, esboçar-se-á “a cursory map”, como diriam Borghini e Piras (op. cit., p. III.), sobre o tema alimentação na filosofia. Pode-se perguntar se atualmente esse tema se tornou um objeto de estudo da filosofia, um problema filosófico propriamente ou se, ainda, continua a ser abordado de forma tangenciada. Procurar-se-á mostrar a seguir...

Como dizem os autores há pouco citados, o tema filosofia da alimentação é um tópico bastante novo nos redutos filosóficos (Idem, ibidem.). Pois, a própria pesquisa, investigação sobre os alimentos iniciou apenas nos anos 1960 nas universidades. Como atesta Perullo,

o estudo dos alimentos e do paladar desenvolveu-se a partir dos anos sessenta nas universidades, sobretudo graças à antropologia (Claude Lévi-Strauss e Mary Douglas), à história (March Bloch, Jean Louis Flandrin, Massimo Montanari) e à sociologia (Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Claude Fischler) (op. cit., p. 26.).

Ou seja, é muito recente a pesquisa acadêmica sobre alimentação, ela mal completou 60 anos. De uma perspectiva histórica é recentíssima, acabou de começar. E isso ainda em se tratando de áreas da ciência já que, no que toca à filosofia, a pesquisa sobre alimentação iniciou após isso ainda, nos anos 1990, com os estudos de gênero e estudos culturais estadunidenses (PERULLO, loc. cit.).

Segundo Perullo, “os primeiros [estudos], de índole pioneira e muito meritórios (CURTIN-HELDKE, 1992; KASS, 1994) abriram perspectivas de pesquisa em várias áreas” (loc. cit.). No entanto, “nem sempre foi clara a especificidade de um discurso realmente filosófico sobre os alimentos” (loc. cit.), ou seja, de qual era o estatuto do tema alimentação dentro da filosofia. Quem pode ter aberto esse caminho, no entender de Perullo, foram as filólogas Elizabeth Telfer, em 1996, e Carolin Korsmeyer, em 1999, (TELFER, 1996; KORSMEYER, 1999), as quais, em alguns de seus livros, “evidenciaram plenamente as potencialidades do tema alimentar para a

pesquisa filosófica” (Ibid., p. 26-27.), algumas dessas potencialidades foram mencionadas na introdução deste trabalho.

A partir das perspectivas abertas por esses primeiros estudos, pesquisas “nas últimas décadas, mais e mais filósofos têm ficado intrigados com a riqueza de questões intelectualmente desafiadoras e socialmente envolventes levantadas pela alimentação” (BORGHINI, PIRAS, op. cit., p. III.). Allhoff, Monroe (op. cit., 2012, p.18.) complementam os filósofos italianos afirmando que, recentemente, “tem havido um número crescente de tentativas de esclarecer esse aspecto da vida humana ao mesmo tempo subestimado e onipresente, “ou seja, a alimentação – o que é entendido por esses autores como (uma espécie de) um movimento - do qual fazem parte, que defende “[...] a tese de que a comida é, ou deve ser, um objeto de reflexão filosófica por si só” (ALLHOFF, MONROE, loc. cit. Grifo nosso.). É que há “uma profusão de questões filosóficas interessantes relacionadas à comida (Ibid., p. 19.) e, portanto, se deve “dar à comida um tratamento filosófico justo” (Ibid., p. 18.). E, se “somos seres reflexivos, temos de pensar sobre quais consequências nossas dietas podem trazer para outras pessoas, animais ou o mundo de forma geral” (Ibid., p. 19.), dentre tantas outras questões filosóficas possíveis envolvendo o tema alimentação.

Não se poderia deixar de mencionar a importância do filósofo australiano Peter Singer nos debates sobre questões éticas envolvidas na alimentação. A publicação, em 1975, da obra *Libertação Animal* levanta, propriamente, o debate sobre o estatuto moral dos animais não-humanos, num sentido mais geral, mas entra aí, evidentemente, a problematização da questão dos animais como alimento, entre outras funções, apesar, porém, de sua obra propriamente A ética da alimentação, ter sido lançada em 2007.

Num dossiê temático publicado em 28/12/2020, no periódico *Humana.Mente Journal of Philosophical Studies*, organizado pelos filósofos italianos Andrea Borghini e Nicola Piras, estes afirmam que o mesmo “oferece um ensaio da pesquisa atual sobre aspectos teóricos voltados para a filosofia da alimentação, [seu] enfoque” (BORGHINI, PIRAS, op. cit., p. III.). E, para introduzir esse tópico, eles providenciam “um breve mapa<sup>7</sup> sobre os debates atuais sobre filosofia da alimentação, seguido de uma revisão das principais questões metodológicas que levantam” (Idem, ibidem.) e, por fim, especificam “por que receitas constituem um capítulo importante para filósofos que trabalham com alimentos” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.). Como não se entrará neste último, apenas referir-se-á que, segundo esses autores, “receitas são artefatos sociais complexos, tecem juntos culturas, políticas e significados socioeconômicos” (Ibid., p. VI) e “representam culturas, ambientes e normas” (Ibid., p. VII).

O referido dossiê servirá aqui como um breve mapa sobre o tema alimentação na filosofia na atualidade. O mapa que esses autores pretendem fazer dos debates atuais sobre filosofia da alimentação começa com a divisão desse corpo cada vez maior de pesquisas (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.) em “três campos principais: produção, consumo e representação. Porém, alertam eles, “uma vez que cada um desses campos envolve problemas teóricos e questões éticas e políticas” eles procurarão mostrar “como essas questões estão intimamente ligadas” (Ibid., p. III.).

O primeiro campo envolve questões concernentes a “sistemas alimentares de produção”<sup>8</sup> (Ibid., p. IV.). Um trabalho mais teórico, teórico relativo a esse campo – pois os autores entendem que “debates políticos e éticos são melhor conduzidos ao lado de um trabalho conceitual” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.). - poderia começar por perguntar o que é um sistema alimentar e quais são suas condições de identidade<sup>9</sup> (Idem, ibidem.), por exemplo. Seria, portanto, um trabalho no sentido de uma análise conceitual, que pode envolver a descrição de um conceito ou

---

7 *A cursory map*, no original. Vide Borghini, A., Piras, N. 2020, p. III.

8 *Systems of food production*, no original. Vide Borghini, A., Piras, N. 2020, p. III.

9 *Identity conditions*, no original. Vide Ibidem, p. IV.

sua revisão, a elaboração – ou a reelaboração - de conceitos como alimentação, alimento, comida, produção, sistemas alimentares, entre muitos outros.

Já uma abordagem mais prática, isto é, voltada ao que se intitulou de campo prático da filosofia e que diz respeito à, por exemplo, ética ou filosofia moral, filosofia política, filosofia social, entre outras, pode se voltar a questões sobre a pecuária, a caça e suas relações com o consumo de carne<sup>10</sup>, entre outras. Também se pode perguntar se sistemas alimentares locais são moral e politicamente melhores que os não-locais<sup>11</sup> (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.).

Estas são algumas das questões que Borghini e Piras colocam, dentre as muitas que são – e que podem ser levantadas – no que tange ao tema produção de alimentos, e dos autores<sup>12</sup> que, atualmente, estão se dedicando a esse tema. Poderia-se perguntar a respeito de estudos filosóficos brasileiros sobre o tema – já que não houve referência a esses, porém, isso demandaria um outro trabalho, uma outra pesquisa.

Passando para o que foi denominado, por Borghini e Piras, de segundo campo, ou seja, o do consumo, este envolve estudos relativos ao “ato de comer e consumo alimentar” (Idem, ibidem.). Abarca questões concernentes ao “vegetarianismo” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.).<sup>13</sup>, a “fome e apetite, dietas moralmente preferíveis, disfunções alimentares, obesidade” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.). “Também entram no escopo deste campo a filosofia da bebida, a qual tem uma especial devoção ao consumo do vinho” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.).<sup>14</sup>

A respeito de alguns desses temas, de acordo com os referidos filósofos, se poderia perguntar: as disfunções alimentares são também disfunções mentais? As metodologias terapêuticas utilizadas são científica e conceitualmente robustas (conforme BORGHINI, PIRAS, loc. cit.)? Todas essas questões, entendidas por Borghini e Piras, como “teoricamente delimitadas”, “trazem consigo questões éticas relacionadas à relação médico-paciente, ao papel dos valores na pesquisa científica [...], a questões de autonomia e assim por diante” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.).

Em relação a temas como a fome e o vegetarianismo, a filósofa estadunidense, já referida, aliás, Lisa Heldke (op. cit., p. 213.) destaca que eles têm um corpo bem estabelecido de literatura filosófica e que são geralmente tratados como tópicos da filosofia aplicada, como, por exemplo, ética e filosofia social. Por falar nisso, tanto em um tema quanto noutro temos diversos representantes brasileiros. Em relação ao tema vegetarianismo, consumo de carne, animais como alimento e outros correlatos, temos Sônia Felipe, Luciano Cunha, Gabriel Hermendia, Fernando Schell Pereira e muitos outros no campo da filosofia e, em outras áreas como Antropologia e Sociologia, temos, por exemplo, Ana Paula Perrota,<sup>15</sup> entre muitos outros também.

Em relação ao tema fome, pode se referir estudos brasileiros como os de Josué de Castro, em sua obra *Geografia da fome*, os de Câmara Cascudo, em sua *História da alimentação no Brasil*, a obra de Gilberto Freyre - entre os anos 1930 e 1940, ao menos, entre outros que, mesmo não sendo estudos filosóficos propriamente, porque são mais voltados à Geografia, História e

10 Aqui, Borghini e Piras citam o trabalho KOWALSKY, N. (Ed.). *Hunting. Philosophy for Everyone: In Search of the Wild Life*, Wiley-Blackwell: Hoboken.

11 Aqui, esses mesmos autores citam o trabalho NOLL, S., WERKHEIRSER, I. *Local Food Movements: Differing Conceptions of Food, People and Change*. In BARNHILL, A., BUDOLFSON, M., DOGGETT, T. (Eds.). *The Oxford Handbook of Food Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2018, 112-135.

12 No texto citado, Borghini e Piras, no *cursor map* que realizam, apresentam autores (alguns, ao menos) que se dedicam às temáticas levantadas por eles.

13 Os autores citam Bramble & Fischer; Chignell, Cuneo, Halteman, 2016.

14 Smith 2006, Scruton, 2009, Todd 2010.

15 PERROTA, Ana Paula. Vegetarianismo ético e posições carnívoras: questões além do sabor e dos nutrientes. *Estudos Sociedade e Agricultura*, vol. 25, núm. 2, junho-setiembre, 2017, pp. 327-352 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/5999/599964722006.pdf> Acesso em 13/06/2021.

Antropologia, entre outros campos do conhecimento, são pesquisas e reflexões concernentes ao tema alimentação e que, portanto, é importante que se faça referência.

Chega-se ao que foi denominado como terceiro campo do cursory map, elaborado por Borghini e Piras, relativo aos debates atuais sobre filosofia da alimentação. Esse campo diz respeito à representação do alimento, o que designa “as formas nas quais o alimento é representado nas várias formas de comunicação” (BORGHINI, PIRAS, op. cit., p. IV.). Os autores referem a questão dos “rótulos encarregados de apresentar suas propriedades e efeitos como, por exemplo, comida saudável, comida natural, comida local e assim por diante” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.). Questões teóricas que são – ou podem, ser abordadas aqui tratam do papel dos rótulos, quer dizer, a construção que eles fazem dos alimentos, pois os rótulos “constroem os alimentos, conferindo ou projetando categorias humanas dependentes de algo comestível” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.). Outras questões aqui estudadas dizem respeito às “formas de representação que ocorrem na grande mídia” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.) também envolvem “questões de justiça”, “opressão de gênero por meio de categorias de gosto e consumo” (Ibid., p. V.). Aqui não se pode deixar de mencionar a filósofa brasileira Sônia Felipe e sua perspectiva ecoanimalista feminista antiespecista, por exemplo.

Todos os tópicos apresentados acima, no entender de Borghini e Piras levantam “significativos problemas metodológicos”, ou seja, levantam “questões de método” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.), as quais eles brevemente sumarizaram. Algumas questões metodológicas referem-se a como aplicar a filosofia ao tema da alimentação (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.). Eles questionam, por exemplo,

deveria a filosofia tratar de questões filosóficas universais, que o tema específico poderia exemplificar, ou, em vez disso, deveria a filosofia abordar problemas à medida que eles emergem, independentemente de como e se eles podem ser incluídos em questões filosóficas amplas (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.)?

Outras questões metodológicas dizem respeito a como chaves conceituais deveriam ser tratadas e compreendidas pela filosofia. Aqui emergiriam duas diferentes metodologias, as quais são geralmente consideradas como pólos separados. A primeira diz respeito à análise conceitual, isto é, à descrição, o mais aproximada, completa possível, de um conceito. A segunda, à engenharia conceitual, isto é, à revisão, também o mais aproximada, completa possível, de um conceito (Ibid., p. V.).

Uma última nota metodológica, que Borghini e Piras destacam, é que estudos filosóficos sobre a alimentação envolvem diferentes perspectivas filosóficas, como, por exemplo, analíticos, continentais ou historicistas (Ibid., p. VI.) e, a partir disso, concluem que “o tópico alimentação está, portanto, bem posicionado para transpor a divisão histórica entre as diferentes tradições [filosóficas]” (BORGHINI, PIRAS, loc. cit.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou sumarizar brevemente a questão da alimentação na filosofia, numa perspectiva histórica, por assim dizer, primeiramente e, após, procurou apresentar um mapa superficial sobre o tema alimentação nas atuais pesquisas filosóficas.

Referindo novamente a filósofa estadunidense Lisa Heldke (op. cit., p. 211.), ela destaca que mesmo sem ser um corpo especializado e único de conhecimento a filosofia pode - e traz, para os debates sobre alimentação “a capacidade de revelar e interrogar os pressupostos em que se baseiam” e entende que há espaço para todos nesse campo aberto, mas que não deveria ser apenas uma disciplina filosófica pois, no seu entender, a filosofia da alimentação precisa abraçar métodos empíricos socialmente comprometidos, estudar as questões econômicas e políticas que

envolvem a produção e o consumo de alimentos e assim por diante (Ibid., p. 207.) e essa filósofa permanece firme em seu desejo de que a filosofia venha a ser mais útil na vida de um ser humano e, em sua convicção, de que estudar alimentos seria uma forma de possibilitar isso (HELDKE, loc. cit.).

Em consonância com esse modo de pensar, a chef estadunidense Odessa Piper declara que

alguns dos nossos desafios mais profundos da sociedade poderiam se beneficiar de um melhor entendimento de nossos hábitos alimentares, de como selecionamos nossos alimentos, produzimos, distribuimos, comemos, refletimos sobre eles e até, em última análise, como atribuímos significado a eles (In: ALLHOFF, MONROE, 2012, p.15.).

Além disso, segundo Odessa (Ibid., p. 16.), precisamos nos reencantar com a comida pois “acredito há muito que uma dose diária de comida de verdade - frutas e verduras intactas, com seus traços de milagre -, esse inexplicável componente de plenitude, pode fortificar nossa busca por significado e aprofundar nossa capacidade de viver” (PIPER, loc. cit.). e “me alimento para viver um novo dia, pelo menos para ponderar as questões mais profundas da vida (PIPER, loc. cit.).

Quem sabe essa última reflexão nos faça pensar e ponderar as questões mais profundas da vida, as quais, com certeza, abrangem também o tema do alimento - a sua falta, o seu excesso, o seu desperdício, a produção, distribuição e comercialização, dentre tantas outras!

## REFERÊNCIAS

- ALLHOFF, Fritz; MONROE, Dave. Comida e filosofia. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2012.
- BORGHINI, Andrea; PIRAS, Nicola. The Philosophy of Food. Recipes Between Arts and Algorithm. Humana.Mente. Journal of Philosophical Studies, 2020. vol. 38, III-XIII.
- EPICURO. Carta sobre a felicidade (a Meneceu). São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- HELDKE, Lisa. The Unexamined Meal is Not Worth Eating. Food, Culture & Society, 2006, p. 201-219.
- KALSING, Rejane Margarete Schaefer. Sociabilidade legal: uma ligação entre sociabilidade e direito em Kant. 2011, 191 p. Tese (doutorado em Filosofia), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- KANT, Immanuel. ORIGINAL. Início conjectural da história humana. (tradução de Joel Thiago Klein: Mutmaßlicher Anfang der Menschgeschichte). ethic@: Florianópolis, v. 08, n. 1, Junho/2009b, p. 157-168.
- KANT, Immanuel. Início conjectural da história humana. (tradução de Joel Thiago Klein: Mutmaßlicher Anfang der Menschgeschichte). ethic@: Florianópolis, v. 08, n. 1, Junho/2009b, p. 157-168.
- LELOUP, Jean-Yves. Cuidar do ser. Fílon e os terapeutas de Alexandria. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.
- PERULLO, Nicola. O gosto como experiência. Ensaio sobre filosofia e estética do alimento. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013.
- THOREAU, Henry David. Walden. Porto Alegre: LP&M, 2012..